

# Moradas da coerência

## Visões de museus e espaços culturais

Pedro Karp Vasquez

Houve um tempo em que era de bom tom vituperar contra os museus, e até mesmo os artistas os esnobavam, torcendo o nariz para o que julgavam ser um malsão amontoado de despojos de épocas pretéritas destinado a alimentar devaneios de necrófilos do espírito. Nessa época, até mesmo Paul Valéry podia qualificá-los de “casas da incoerência”, porque de fato os museus se assemelhavam mais a depósitos de velharias ou como dizia o poeta: a “solidões enceradas, aparentadas aos templos, aos salões, aos cemitérios e às escolas...”<sup>1</sup> Mas isso foi no primeiro século da existência dos museus tal como os entendemos hoje, pois tudo mudou no período subsequente à Segunda Guerra Mundial, quando os museus começaram a passar de “frios” a “quentes”, para usar uma terminologia da própria área museológica.

Sendo filho do pós-guerra, eu pude ter a ventura de sempre gostar de museus. Não só de museus, como de centros culturais, de galerias de arte, de jardins botânicos e até mesmo de jardins zoológicos — apesar desses nos deixarem sempre entristecidos com a melancolia dos animais enjaulados a milhares de quilômetros de seus habitats naturais. Podem também ser incluídas nessa lista as igrejas, as mesquitas, as sinagogas, e até mesmo o Bar do Vovô em Lumiar, em virtude do painel fotográfico evocativo da Lumiar de antanho. Para mim qualquer local que ajude a estabelecer um elo entre o passado e o presente é interessante e, não raro, costumo estacar na Praça XV para me perder na contemplação do Paço Imperial, contando mentalmente as janelas, para localizar ora aquela de onde Dom Pedro I disse o “Fico”, ora aquela na qual a Princesa Isabel saudou a multidão após a assinatura da Lei Áurea. E nem ligo quando um passante apressado me atropela ou me chama de maluco, por não conseguir enxergar no prédio silencioso o mesmo que vejo.

O ápice dessa paixão pelos museus se deu aos vinte anos, durante uma *voyage en Italie*, evocativa daquelas costumeiras dos pintores e escritores clássicos, na qual eu só deixava uma cidade depois de exauridos todos os pontos visitáveis — museus, igrejas, casas, jardins, praças, ruínas a céu aberto, tudo, enfim. Assim foi, de Tintoretto em Tintoretto, de Canaletto em Canaletto, comendo *pizza a l'etto* para economizar e poder chegar até a Sicília. Isso

não fez de mim um esnobe, no entanto, e até hoje não desdenho o mais simples e singelo museu ou cafarnaum cultural. Assim, sem desdenhar Louvres, Tates e Metropolitan, é com gostosa saudade que recordo o humilde museu consagrado ao Velho Oeste na erma cidade de Truth or Consequences, ao sul do Novo México, ou a Casa dos Milagres, contígua à igreja de São Francisco das Chagas de Canindé, Ceará, onde os fiéis em busca de curas milagrosas depositam seus ex-votos.

Ao contrário de Valéry, acredito que os museus sejam casas de coerência. Aliás, ele também pensava assim e sua afirmativa era mais anedótica do que peremptória, visto ser ele próprio um incorrigível freqüentador de museus. Chego a pensar inclusive que somente os museus e os espaços culturais são capazes de conferir um pouco de nexos e propósito à vida, mais semelhante hoje a uma desenfreada corrida num destes circuitos ovais característicos dos Estados Unidos. O que nos faz ter, com freqüência, a impressão de que a vida é realmente um “monumental desperdício de tempo e engenho, visando somente o engano e a perplexidade”, enquanto nos assemelhamos ao tolo cão empenhado em abocanhar o próprio rabo. Quando nos sentimos assim, nada melhor do que uma visita a um museu, onde, apartados por um tempo do imperioso fluxo da existência, podemos perceber então que não giramos em círculos e sim numa espiral tão ampla a ponto de parecer inexistente, enquanto nosso comportamento aparentemente insano se assemelha na verdade ao da serpente que morde a própria cauda para formar o círculo sagrado da perfeição. Vendo ali, nos museus, a vida, estudada, ordenada, explicada, reabilitada, saímos reconciliados com a existência, imbuídos da compreensão de que existe nexos e propósito em nossas ações aparentemente desconexas e fortuitas.

O museu nos instila o sentimento de pertencer, primeiro, a uma determinada cultura, local ou nacional, e, depois, à espécie humana como um todo. Quem ama a humanidade entra num museu como quem entra num templo. A arquitetura do museu — seja ela específica ou adaptada — exerce então considerável influência, valorizando os objetos expostos. Mais, transformando-os em objetos de culto, sendo lícito, portanto, visitar o museu apenas pelo museu, ignorando seu conteúdo, como o fiel que gosta da igreja e não dá demasiada atenção às imagens. Ou como o incrêdo que admira as perfeitas proporções arquitetônicas de um templo sem se dar conta de que essas nada mais são que o premeditado reflexo da Perfeição Divina.

As fotografias a seguir são frutos colhidos nessas andanças pelos museus e espaços culturais. Não foram feitas para impressionar e sim para lembrar e louvar.

1 VALÉRY, Paul. Le problème des musées. In: *Pièces sur l'art*. Paris: Gallimard, 1943, p. 117.



Galeria de arte, Houston, Texas, EUA



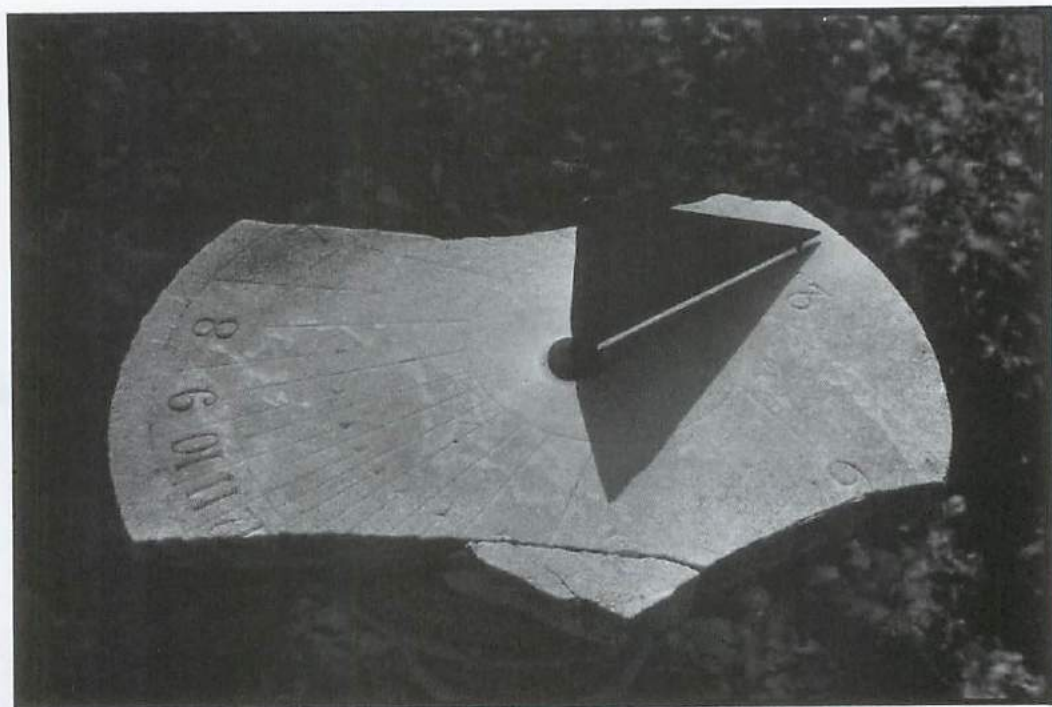


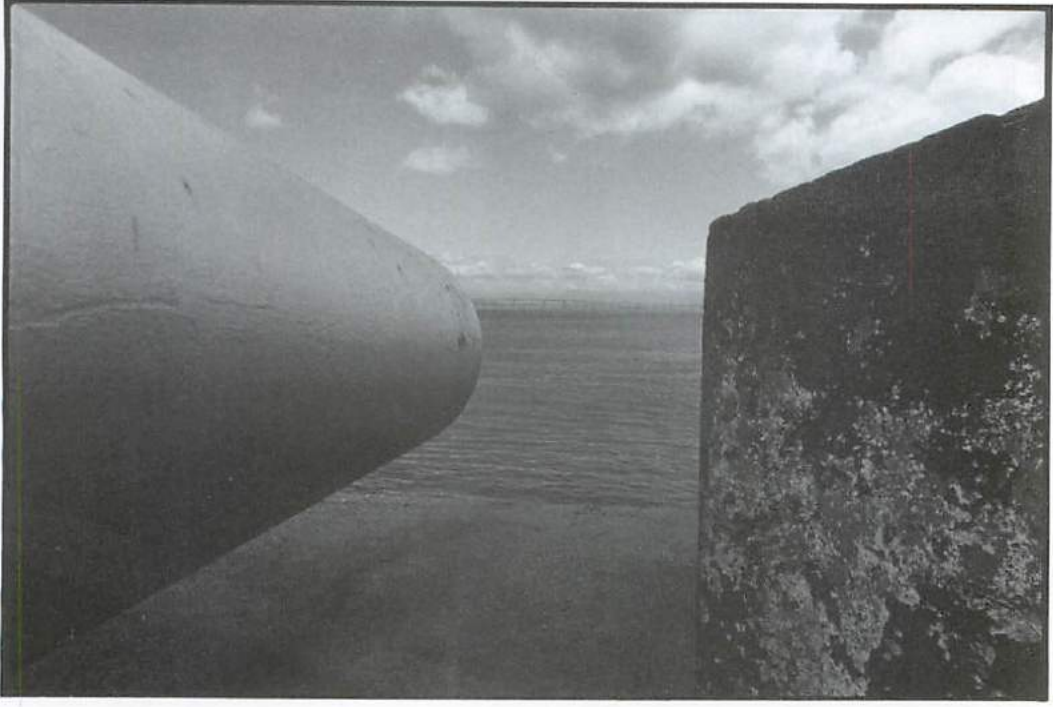
Palácio Real, Turim, Itália



Paschoal Carlos Magno em sua Aldeia de Arcozelo, Arcozelo, Rio de Janeiro

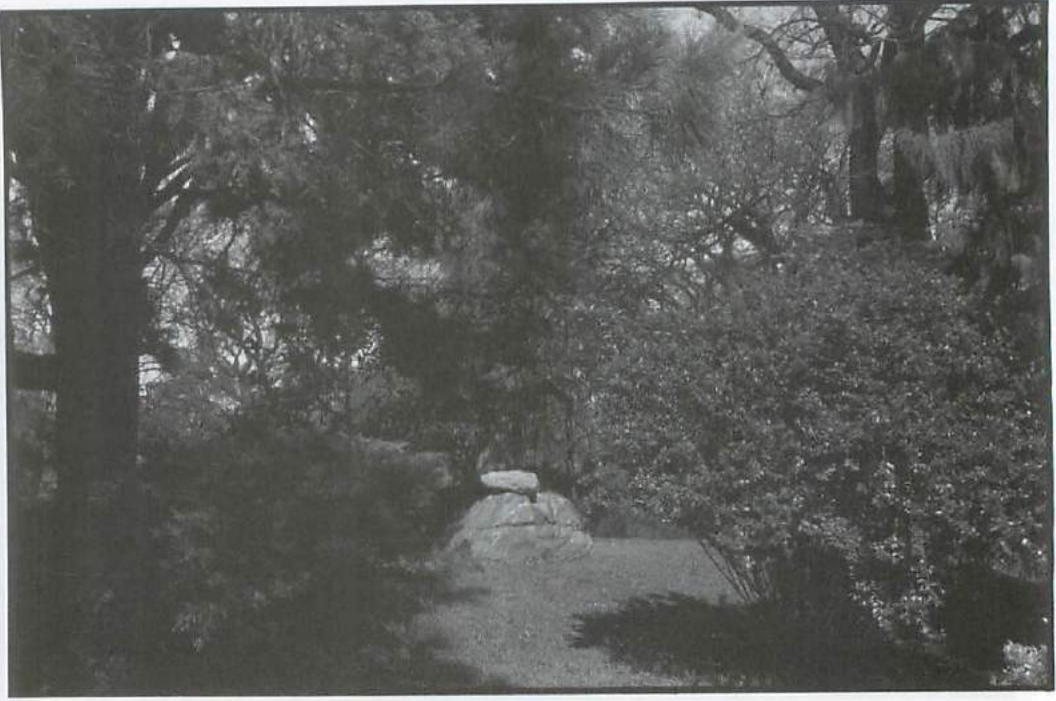
Museu da Chácara do Céu (casa de Raimundo Otoni de Castro Maia), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro



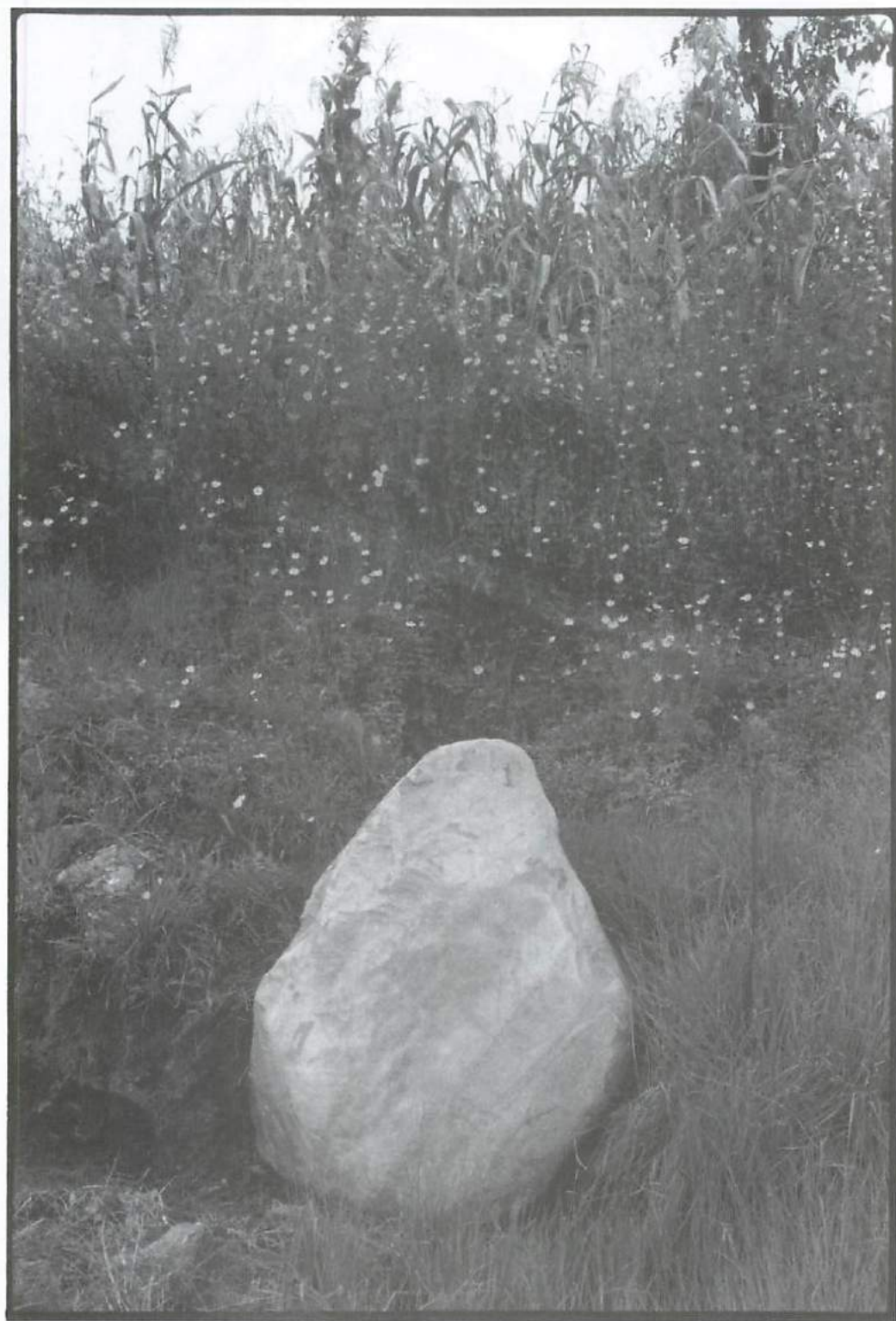


Fortaleza de Santa Cruz, Niterói, Rio de Janeiro

Jardim Japonês do Jardim Botânico de Buenos Aires, Argentina







Pedra tumular numa comunidade de artistas do Lago Chapala, México





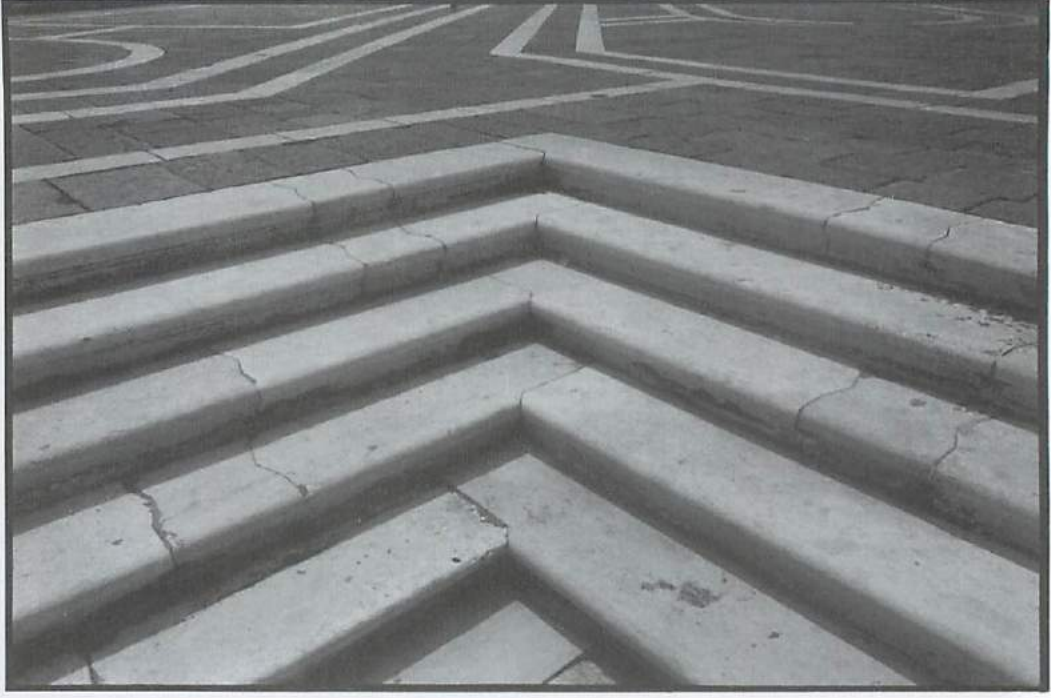


Orquidário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

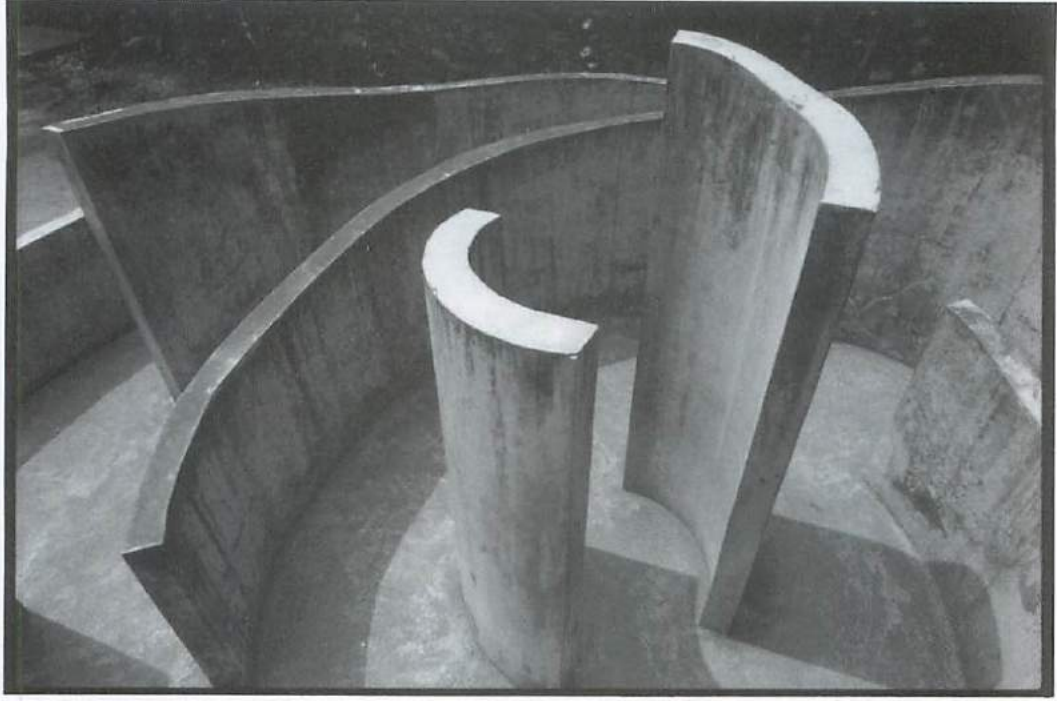








As pedras de Veneza, Itália



Labirinto no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro



Casa de Santos Dumont, Petrópolis, Rio de Janeiro





Casa de Anne Frank, Amsterdam, Holanda







---

### Dor de museu

Só posso chamar assim porque essa dor só aparece quando percorro museus. Mal começo a caminhar e a parar diante dos quadros vem a dor no ombro esquerdo — é sempre a mesma. Gostaria de saber do que se trata. É dor de emoção?

**Clarice Lispector**

[*A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999]